

***Shakerismo* na América do Norte: ascensão e queda de uma comunidade utópica**

Shirley de Souza Gomes Carreira¹

Resumo

Em pleno século XVIII, uma mulher inglesa convenceu oito pessoas a segui-la em uma perigosa viagem com destino à América, onde fundariam uma sociedade igualitária e pura. Essa mulher, Ann Lee, foi responsável pela fundação e expansão de uma dissidência religiosa denominada Shakerismo, ou a Sociedade dos Crentes na Segunda Aparição de Cristo. Este artigo visa a analisar a representatividade de Ann Lee na comunidade que criou; a sua visão feminista do texto bíblico e as razões da decadência dos Shakers na América do Norte.

Palavras-chave: Ann Lee; Shakerismo; Dissidência religiosa.

Abstract

In the 18th century, an Englishwoman convinced eight people to follow her in a dangerous journey to America, where they would found a communal and pure society. That woman, Mother Ann Lee, was responsible for the foundation and spread of a religious dissent named Shakerism, or the United Society of Believers in Christ's Second Appearing. This article aims at the analysis of her representativeness in the community she created, her feminist view of the Bible and the reasons for the decline of Shakerism in North America.

Keywords: Ann Lee; Shakerism; Religious dissension.

¹ Pós-doutorado em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ. Professora Titular do Curso de Letras da UNIABEU, editora da *Revista e-escrita*, do curso de Letras, e da *Revista UNIABEU*.

Introdução

Quando Thomas More escreveu *Utopia*, cunhando o termo a partir dos radicais gregos οὐ, "não" e τόπος, "lugar", jamais poderia imaginar que ele não apenas serviria de exemplo a um modelo de narrativa que emblematizaria a civilização ideal, mas também constituiria um modelo de comportamento social que passaria a fazer parte do imaginário coletivo.

A narrativa de More constitui uma sátira a todas as instituições da época, na medida em que cria uma sociedade imaginária, ideal, sem propriedade privada, com absoluta partilha de bens e do solo; sem antagonismos entre a cidade e o campo; sem trabalho assalariado; sem gastos supérfluos e luxos excessivos; sociedade que tem no Estado o órgão administrador de toda produção.

Ao longo da história humana, foram muitas as tentativas de dar forma concreta à sociedade idealizada por More; no entanto, foi o século dezoito que assistiu à emergência de um grupo religioso, os Shakers, ou a Sociedade dos Crentes na Segunda Aparição de Cristo, que tentou implantar em solo americano uma comunidade religiosa ideal.

A Reforma Protestante não apenas proporcionou o surgimento de interpretações bíblicas divergentes daquela expressa pela Igreja Católica, como também o aparecimento de novas igrejas cristãs, inclusive aquelas consideradas tradicionais, como a Calvinista, Luterana e Anglicana, que, com o tempo, passaram a ser consideradas legalistas na interpretação bíblica, ensejando dissidências que culminaram em outras denominações. Duas dessas dissidências, os Quakers e os Camisards franceses, deram origem às crenças que formam a base do Shakerismo.

Este artigo visa a analisar a representatividade de Ann Lee na comunidade Shaker, a sua visão feminista do texto bíblico e as razões da decadência da comunidade Shaker na América do Norte.

1. Ann Lee: da pobreza em Toad Lane à liderança espiritual

Ann Lee nasceu em um ano bissexto, em 29 de fevereiro de 1736, filha de um ferreiro, John Lee, que vivia com a esposa e os oito filhos em Toad Lane, no quarteirão mais decadente de Manchester, Inglaterra.

Naquela época Manchester era uma cidade extremamente degradada e pobre, que, no entanto, vivia a Revolução Industrial. A pobreza da classe trabalhadora contrastava com a ostentação dos donos das usinas, que viviam em elegantes casas georgianas voltadas para as matas de Lancashire. Havia, por parte deles, uma aversão à visualização da pobreza dos trabalhadores.

Ann começou a trabalhar nas usinas aos oito anos de idade, como a maioria das crianças da época. Não havia a menor possibilidade de virem a frequentar a escola, e Ann nunca aprendeu a ler e escrever. No entanto, tinha uma memória privilegiada, da qual iria valer-se muitos anos mais tarde.

Segundo os relatos contidos no livro *Testemonies Concerning the Character and Ministry of Mother Ann Lee*, compilado a partir de depoimentos sobre ela, foi uma jovem atraente, baixa e um tanto gordinha, de compleição clara e olhos azuis. Era séria e introspectiva e não se juntava a outras crianças nas brincadeiras típicas da idade. Na realidade, aquele foi um momento histórico em que pouco tempo havia para o lazer e distrações e a infância era muito breve, dada a necessidade de ingressar na força do trabalho.

Seu primeiro emprego, em uma fábrica têxtil, foi de operadora de corte de tecidos, mais tarde passou a trabalhar com o preparo do algodão para os teares e das peles para a confecção de chapéus. Com uma carga de trabalho de doze horas diárias, em pé na maior parte do tempo, ela era obrigada a ajudar na limpeza das máquinas aos domingos.

A exploração de crianças foi constante no processo da Revolução Industrial, e o poeta laureado Robert Southey, ao visitar Manchester em 1808, registrou que os supervisores das fábricas enumeravam as vantagens do trabalho infantil:

“You see these children, sir”, Said He, “They get their Bread almost as soon as they can walk about, and by the time they are seven or eight

years old bring in Money. There is no idleness amongst us; they come at five in the morning, we allow them half an hour for breakfast and an hour for dinner; they leave work at six and another set relieves them for the night; the wheels never stand still".² (SHOUTHEY apud CAMPION, 1990, p. 3)

A juventude de Ann Lee passou-se em meio à sujeira na populosa Manchester, testemunhando o modo como a pobreza acabava por levar homens e mulheres ao vício da bebida, como lenitivo para o seu sofrimento. Para a jovem o escapismo era um mundo de imaginação.

Atribui-se à promiscuidade das residências da época a aversão ao sexo que Ann Lee manifestou mais tarde. O fato de famílias se amontoarem em alojamentos em que mal cabia uma delas permitia que as crianças compartilhassem detalhes da vida dos adultos, como as relações sexuais. A aversão de Ann chegou ao ponto de ela declarar abertamente à mãe que aquilo era algo impuro; não sem ser duramente punida pelo pai devido ao atrevimento.

Além de trabalhar arduamente na usina, Ann era obrigada a ajudar nas tarefas de casa e na criação de seis irmãos menores. A aridez de sua vida aproximou-a da religião. No entanto, a igreja anglicana era muito mais preocupada com rituais e luta pelo poder que com os problemas dos trabalhadores e pobres, expostos à brutalidade das leis de então. Naquela época, 253 ofensas eram punidas com a morte. Um homem poderia ser enforcado por atirar em um coelho, por cortar uma árvore ou roubar cinco shillings. Até crianças de dez anos eram condenadas. Ann não conseguia compreender a justiça que essas leis continham.

À época duas figuras religiosas surgiram trazendo dissensões à igreja anglicana: John Wesley e George Whitefield. O seu estilo zeloso em questões de normas e métodos rendeu-lhes o rótulo de "metodistas".

Em 1758, aos vinte e dois anos e trabalhando como cozinheira em um hospício, Ann começou a frequentar as reuniões de avivamento religioso lideradas por Jane e James Wardley, tintureiros de uma pequena cidade da região: Bolton-on-the

² "Você vê essas crianças, Senhor", disse ele, "eles obtêm seu pão quase tão logo eles aprendem a andar e quando eles têm sete ou oito anos de idade já trazem dinheiro para casa. Não há nenhuma ociosidade entre nós; eles vêm às cinco da manhã, nós lhes concedemos meia hora para o café da manhã e uma hora para o jantar; eles saem do trabalho às seis e outro grupo os rende à noite; as rodas nunca param".

Moors. Eles foram Quakers por um período e, devido a uma mensagem espiritual, deixaram a Sociedade dos Amigos para formar a sua própria congregação.

Os Wardley foram influenciados pelo grupo radical francês Camisards, que migraram para Lancashire em 1685, após a proibição do protestantismo na França.

Em pouco tempo, Ann aderiu à Sociedade Wardley, cujos serviços religiosos lhe pareceram mais satisfatórios, uma vez que instituíam a prática da confissão pública e pregações fervorosas, acompanhadas de cânticos, danças e manifestações espirituais que os levavam a sacudir-se, razão pela qual passaram a ser conhecidos como Shakers. O rótulo, a princípio, tivera a função de ridicularizá-los, mas passou a ser aceito como denominação.

A atuação de Jane Wardley já era atípica então, pois não era comum que uma mulher ocupasse o púlpito, porém, de todos os aspectos do Shakerismo, o que mais causou controvérsias foi a crença de que Cristo representava o princípio masculino de Deus, mas que, o princípio feminino ainda estava por vir.

Quatro anos depois, em 1762, Ann foi obrigada a casar-se com Abraham Standerin, um ferreiro que tinha sido aprendiz de seu pai. A cerimônia foi feita na igreja anglicana, para seu desgosto. Naquela época era comum que uma mulher gerasse um filho após outro e Ann não foi exceção à regra. No entanto, as quatro crianças que ela gerou morreram ainda crianças, causando-lhe extrema tristeza e uma sensação de culpa constante.

Em *A Summary View of the Millennial Church*, há o relato de que Ann passou a acreditar que a morte dos filhos deveu-se à punição divina pela prática do ato sexual contra a sua vontade. Ann ignorava que metade das crianças das classes trabalhadoras morria antes dos cinco anos naquela época. Após aconselhar-se com os Wardleys, ela, finalmente, comunicou ao marido que não mais se relacionariam sexualmente, o que o deixou enfurecido ao ponto de solicitar a intervenção dos clérigos anglicanos. Estes, usando as palavras do apóstolo Paulo que exortavam as esposas à submissão aos seus maridos, tentaram inutilmente demovê-la de sua decisão. Ann estava convencida de que a negação do corpo purificaria a alma. Surpreendentemente, ao invés de abandoná-la, Abraham converteu-se ao Shakerismo, passando a celibatário.

Jane Wardley era uma “profetisa” com poder de inflamar multidões por onde passava. Para Ann Lee, ela tinha como principal atributo o fato de ser mulher. A

repressão do patriarcado não permitia à mulher uma identidade social e a visão de uma líder religiosa a fazia crer que o mundo poderia ser diferente.

Dr. Samuel Johnson (1709-1784) expressou a sua surpresa ante a atuação feminina nessa esfera dizendo que “uma mulher pregando é como um cão caminhando em suas patas traseiras. Não é algo bem feito, mas, surpreendentemente, existe.” (JOHNSON apud CAMPION, 1990, p.17)

A pregação feita por mulheres teve a sua origem no Quakerismo, pois, embora não se possa afirmar que tinha uma visão feminista, George Fox, o seu fundador, acreditava que as mulheres poderiam exercer funções de liderança na igreja. Claro está que, mesmo entre os Quakers, essas ideias foram contestadas, sendo responsáveis por muitos afastamentos.

Os Wardley, no entanto, adotaram a aceitação radical das mulheres na vida religiosa, encorajando-as a falar publicamente. Graças a esse encorajamento, Ann começou a participar da cerimônia de confissão de pecados e a demonstrar seus conflitos interiores por meio de transes estáticos, em que seu corpo parecia tremer e sacudir-se. Com o tempo, foi batizada e assumiu a liderança em várias cerimônias.

Seu talento para a comunicação e seu poder de persuasão começaram a causar incômodo às autoridades locais, que passaram a persegui-la, alegando que os encontros religiosos do grupo eram barulhentos e perturbavam a ordem.

Um domingo, quando se reuniam na residência de seu pai para a cerimônia de praxe, espiões, postados nas ruas, fizeram soar um alarme que levou uma multidão a cercar a casa. Os membros da seita foram presos e mantidos em celas. Aos poucos, a maioria foi libertada na manhã seguinte, exceto Ann e seu pai, que permaneceram na prisão por algumas semanas.

Enquanto estava na prisão, Ann teve a visão que marcou o início do seu ministério à frente dos Shakers e a sua insistência no celibato como elemento essencial à comunhão com Deus. Ao ser libertada, atacou veementemente o ato sexual, considerando-o como depravação e obstáculo à vida religiosa. Sua performance foi tão eficaz que os Wardley deram-lhe a liderança do grupo.

Outros períodos na prisão, por violação da ordem social, repetiram-se, à medida que o grupo crescia e as autoridades viam no fato uma ameaça. Críticas à

igreja anglicana passaram a ser feitas abertamente, sempre sob a alegação de que esta reagia com indiferença ao sofrimento do povo.

Em 20 de julho de 1773, o jornal *The Manchester Mercury* publicou que Ann, sua irmã Betty e dois homens entraram na igreja anglicana em Manchester e perturbaram o ofício matinal da congregação. Sua ação começou a ser vista como fanatismo e heresia. Logo começaram a surgir rumores de que seus atos eram fruto de bruxaria.

A devoção dos membros do grupo por sua líder era tão intensa que começaram a ver nela a concretização do princípio feminino de Deus. Se a ideia de Cristo retornar na pele de uma mulher ainda hoje é alvo de rejeição, no século XVIII, teve proporções de escândalo. A complicar sua situação, ainda havia o fato de que incitava pessoas a deixarem suas famílias e aderirem ao celibato em uma irmandade.

Ann e seu grupo sofreram ataques sérios e por pouco não foram mortos. Esse estado de coisas, aliado aos relatos dos que haviam estado na América do Norte, fizeram com que ela decidisse deixar a Inglaterra para fundar em solo americano uma comunidade livre dos erros e pecados da sociedade inglesa.

2. Os Shakers na Terra Prometida

Em 1774, Ann Lee e oito dos seus seguidores – Abraham Stanley, seu marido; William Lee, seu irmão, Nancy Lee, sua sobrinha, John e Richard Hocknell, James Whittaker, Mary Partington e James Shepard— chegaram à América do Norte, estabelecendo-se em Nova Iorque.

Sem a ajuda de Hocknell, o único dentre eles que tinha bens, a viagem teria sido impossível. Pouco tempo antes, ele já havia despertado a fúria da esposa ao trazer para casa membros pobres da seita. Apesar de ter se convertido ao Shakerismo, Hanna Hocknell recusou-se a abandonar a Inglaterra quando o marido partiu para o Novo Mundo.

A bordo do navio *Mariah*, que, na realidade, estava condenado devido ao mau estado de conservação, partiram de Liverpool em 19 de maio. Uma viagem daquele porte, de cerca de três meses, cruzando o Atlântico, no século XVIII, era mais que uma aventura: consistia em uma tortura causada pelo confinamento em uma embarcação

sem ventilação, malcheirosa, rescendendo ao suor humano e às exalações da comida estragada pela falta de refrigeração.

Ann organizou serviços religiosos a bordo e a tripulação, que a princípio pareceu estar entretida com as danças e cânticos, mostrou-se enraivecida quando a líder espiritual começou a criticar o seu comportamento, classificando-o como pecaminoso.

Smith, o capitão do navio, logo ordenou o fim dos serviços, sendo totalmente ignorado por Ann Lee. Após a ameaça de ser posta a ferros ou atirada ao mar, mais uma vez ela contou com a providência divina, pois um incidente causado por uma tempestade fez com que a tripulação cresse que transportava um grupo de pessoas especiais.

Ao chegar a Nova Iorque, eles se depararam com uma cidade agradável, com muitas árvores e jardins. Com uma população de cerca de vinte mil pessoas, a cidade era considerada a terceira mais populosa dentre as colônias. Lá já havia o King's College, o New York Hospital e uma biblioteca pública. O modelo inglês havia sido trazido pelos primeiros colonos, assim, havia iluminação nas ruas, serviço postal, corpo de bombeiros e um jornal diário. Havia também prisões e abrigos populares. Aos olhos dos recém-chegados, nada pareceu mais absurdo do que o tráfico de escravos.

A vida de Ann Lee em solo americano continuou a girar em torno da religião. Após ter tolerado a abstinência sexual por seis anos, Abraham tornou-se alcoólatra e rompeu o casamento, deixando à esposa a tarefa de lutar por sua própria subsistência.

2.1 Uma comunidade utópica

A pretensão dos Shakers de criar uma comunidade perfeita defrontou-se com a realidade da vida na América.

Diante da turbulência política em 1775, em Nova Iorque, Ann Lee e seus seguidores partiram para a fronteira, em Niskeyuna, noroeste de Albany, que mais tarde tornou-se a cidade de Watervliet. Como um grupo religioso, eles consideravam a luta entre americanos e ingleses uma afronta às leis de Deus.

Os primeiros meses foram assustadores: a comida era escassa, o local era cercado de pântanos infestados de insetos e cobras e os membros da comunidade sofreram com surtos de febre e doenças desconhecidas.

O *slogan* "Hands to work, hearts to God" sintetiza a vida dos Shakers na América: "Mãos ao trabalho e corações para Deus". Em uma comunidade em que o trabalho e a veneração se igualavam, havia pouco tempo para o descanso e nenhum lazer. A vida na comunidade era simples, regrada, quase espartana.

Ainda assim, entre 1780 e 1790, a comunidade expandiu-se significativamente, exigindo maior organização. Cada assentamento, ou vila, Shaker era dividido em "famílias", comunidades menores e autossuficientes, compostas de 30 a 100 membros, entre homens e mulheres, que viviam sob o mesmo teto, mas com separação de aposentos e atividades de acordo com o sexo. Os aposentos, escadas, e até mesmo as portas, eram separados, e nas atividades em que o grupo inteiro se reunia, de modo a socializarem-se, homens e mulheres eram supervisionados, pois o celibato era um dos mais importantes preceitos da seita.

Mother Ann Lee felt that if men and women did not have some kind of informal relationship "thy would surely have a carnal one"; therefore, she originated "union meetings". Three times a week the brothers and sisters met together, sitting face-to-face, and spent one hour "in friendly social intercourse with each other". They talked or read or sang. (CAMPION, 1990, p. 84)³

O trabalho feminino era interno: tecer, cozinhar, costurar, limpar, lavar e empacotar alimentos para a venda. Se o tempo fosse favorável, as mulheres também se dedicavam à jardinagem e à colheita de ervas para venda e consumo interno. Os homens trabalhavam no campo, em fazendas e em lojas onde o que fabricavam era vendido. Homens e mulheres eram igualmente valorizados.

A autoridade de cada vila era exercida por dois homens (*Elders*) e duas mulheres (*Eldresses*), um dos quais era o líder supremo de todo o grupo. Formando a

³ A Mãe Ann Lee sentiu que se os homens e mulheres não tivessem nenhum tipo de relacionamento informal, "certamente haveria uma relação carnal"; assim, ela criou os "encontros de união". Três vezes por semana os irmãos e irmãs encontravam-se, sentavam-se face a face e passavam uma hora em "uma relação social amigável". Eles conversavam, liam ou cantavam.

família central, eles eram cercados por famílias satélite, que recebiam os nomes de acordo com os pontos cardeais.

Suas reuniões religiosas ocorriam nas *meetinghouses*, as casas de oração, sempre pintadas de branco e sem ornamentos. Seu culto era vigoroso e o fervor com que se entregavam às manifestações espirituais foi responsável pelo cognome que receberam. No início, os serviços religiosos eram desestruturados e um tanto caóticos, mas, com o tempo, evoluíram para danças coreografadas e marchas acompanhadas de gestos simbólicos.

Os Shakers acreditavam que os ornamentos eram ofensivos a Deus e desenvolveram um estilo de mobília que refletia tanto a perfeição utilitária quanto a simplicidade visual. Esse estilo de mobília é considerado o único genuinamente americano.

Em 1800, onze assentamentos, com cerca de 1600 membros, espalharam-se por Nova Iorque, Massachusetts, Connecticut, New Hampshire e Maine. Uma segunda onda de reavivamento espiritual levou a mais uma expansão, atingindo Ohio, Kentucky, Michigan e Indiana.

Ann Lee faleceu em 1784 e um dos seus primeiros discípulos, James Whittaker, assumiu a liderança da sociedade. Após a sua morte, em 1787, Joseph Meacham o sucedeu, sendo o primeiro líder Shaker nascido na América. Lucy Wright, também americana, foi nomeada colíder e, juntos, trabalharam no sentido de unificar os grupos e irmãos e irmãs em uma rede que passou a assumir o título de Sociedade dos Crentes na Segunda Aparição de Cristo.

O ponto alto em termos de adesão e, talvez, o último maior esforço para a revitalização da sociedade ocorreu durante a década de manifestações espirituais que começou em 1837. Nesse período surgiram novas formas de louvor, canções e danças, acrescidos de transe e fenômenos visionários (FOSTER,1987, p.200).

A teologia Shaker é baseada na ideia da dualidade de Deus e a sua divisão em dois princípios: masculino e feminino. Os Shakers acreditavam que Jesus, filho de um carpinteiro, era a manifestação masculina de Cristo, fundadora da primeira igreja cristã, e que Ann Lee, filha de um ferreiro, era a manifestação feminina. Assim, nela, se concretizava a promessa da segunda vinda de Cristo.

Assim como os anjos, que “não se casam e não se dão em casamento”, todo Shaker deveria ser “separado”, mantendo-se casto, vivendo em comunhão e em confissão de pecados.

Obviamente, sem relações sexuais entre os membros, a sociedade Shaker estava fadada à extinção, a menos que conseguissem um número crescente de conversões.

As crianças juntavam-se à sociedade por meio de adoção ou conversão, não sendo incomum o abandono de recém-nascidos e órfãos à porta de uma família Shaker. Lá cresciam de acordo com a doutrina do grupo e, ao atingir a idade de vinte e um anos recebiam a oportunidade de unir-se definitivamente ao grupo, caso desejassem. O celibato era a principal razão de dissidência entre os jovens.

2.2 O fim da utopia

Depois de alcançar a adesão de pico na década de 1840, o movimento Shaker diminuiu gradualmente, parcialmente devido à migração urbana que se seguiu à Revolução Industrial. Outras razões foram a perda de mercado para os produtos artesanais que vendiam; a limitação legal à adoção de órfãos por grupos religiosos e a rigidez do código de conduta da Sociedade, que levava muitos adeptos jovens a abandonar o Shakerismo por outras religiões mais permissivas.

Com o tempo, vários locais que abrigavam as famílias Shakers foram transformados em museus, como é o caso da Hancock Shaker Village, em Massachusetts, O Enfield Shaker Museum, em New Hampshire, e a comunidade de Pleasant Hill, em Kentucky.

Em 1909, a sociedade tinha cerca de mil membros; em 1930, apenas cem. Atualmente, há apenas uma comunidade Shaker ativa nos Estados Unidos, em Sabbathday Lake, no Maine. Em 2011, a comunidade era composta por apenas cinco membros.

Segundo a crença, Ann Lee havia preconizado o declínio eventual da sua igreja, afirmando que viria o tempo em que não haveria crentes suficientes para sepultar seus mortos, mas que quando apenas cinco existissem, haveria um

reavivamento. Os membros atuais lutam para que o Shakerismo não seja esquecido, buscando, inclusive, a atuação do Estado.

3. Considerações finais

A história dos Estados Unidos da América registra diversas tentativas de fundação e manutenção de comunidades utópicas religiosas. Algumas, como a Ephrata Cloister⁴, em 1732, foram bem sucedidas, outras, como a sociedade dos Shakers, não suportaram a passagem do tempo.

A grande maioria foi marcada por regras extremistas que, em um determinado momento histórico, encontraram guarida em parcelas da população constituídas por minorias oprimidas; no caso dos Shakers, por exemplo, havia um número significativo de mulheres atraídas pela promessa de igualdade social.

A constância do aparecimento de grupos religiosos com esse propósito reforça o fato de que a América, por um longo tempo, foi o lócus da imaginação utópica europeia, que traçava a sua geografia imaginária, condição sine qua non de toda utopia, haja vista que a própria Utopia, de More, constitui uma concepção fantasiosa de uma ilha caribenha.

No entanto, procurando criar uma sociedade cujo tipo de governo fosse possível reformar o mundo, os membros dessas comunidades utópicas refugiavam-se em uma espécie de microcosmo, esperando, assim, imitar o estado de coisas predominante na Igreja Primitiva.

A necessidade de intercâmbio com o mundo real, do qual buscavam distanciar-se foi a razão de sua derrocada.

No mundo contemporâneo, a imaginação utópica, ambivalente em sua capacidade de formar desbravadores e tiranos, continua criando seus adeptos. Na ausência de territórios por descobrir, ela tenta desvendar o universo.

⁴ Dissensão formada por adventistas alemães que criam que a América seria o local da segunda vinda de Cristo, que influenciou a formação da colônia da Pensilvânia. Para uma abordagem mais completa das comunidades utópicas na América do Norte, convém acessar o site da Universidade de Yale: <http://brbl-archive.library.yale.edu/exhibitions/utopia/utopcom.html>

Referências Bibliográficas

CAMPI, Nardi R. *Mother Ann Lee: morning star of the Shakers*. Hanover, London: University Press of New England, 1990.

CHRIST, C. & PLASKOW, J. *Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion*, San Francisco, Harper & Row, 1979.

DALY, M., *The Church and the Second Sex*. New York: Harper & Row, 1975.

_____. *Beyond God the Father – Toward a Philosophy of Women’s Liberation*. With na Original Reintroduction by the Author. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 1992.

FOSTER, Lawrence. "Shakers." *Encyclopedia of Religion* 1987. Volume 13, p. 200–201.

MORE, Thomas. *Utopia*. London: Penguin Books, 2009.

MIZRAC, Steve. *The Symbolic Invention of America-as-Utopia*. Disponível em: < <http://www2.fiu.edu/~mizrachs/utopo-amer.html> >

PERROT, M. *As Mulheres ou os Silêncios da História*. Tradução de Viviane Ribeiro, Bauru/SP: EDUSC, 2005.

STANTON, E. C., *The Woman’s Bible: A Classical Feminist Perspective*. New York: Dover Publications, 1898.

STEIN, Stephen. *The Shaker Experience in America*. Yale University Press, 1992.

WELLS, S. Y. (ed) *Testimonies Concerning the Character and Ministry of Mother Ann Lee*. Albany, N.Y.: Packard and Van Benthuisen, 1827.

_____. *A Summary View of the Millennial Church*. Albany, N.Y.: Packard and Van Benthuisen, 1823. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=clg5magNjtsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acessado em 12 de dezembro de 2011.

Recebido em 19 de julho de 2012.

Aprovado em 30 de julho de 2012.